

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

CURSO: LETRAS

TÍTULO do Projeto de Pesquisa:

*Literatura do cárcere e imaginações da liberdade:
escrita e leitura para além dos muros*

**GRUPO DE PESQUISA: LITERATURA E LINGUAGENS: FRONTEIRA,
ESPAÇO, PERFORMANCE, MEMÓRIA**

PROFESSOR RESPONSÁVEL: PROF. DR. MARCELO DOS SANTOS

REGIME DE TRABALHO: 40 DE

ÁREA DE CONHECIMENTO: LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

**EQUIPE ENVOLVIDA: LUCIANA PAIVA DE VILHENA LEITE (DOCENTE
COLABORADORA), ELIZABETH SARA LEWIS (DOCENTE
COLABORADORA).**

Rio de Janeiro – RJ
AGOSTO / 2022

Resumo:

O presente projeto *Literatura do cárcere e imaginações da liberdade: escrita e leitura para além dos muros*, proposto pelos professores Marcelo dos Santos (coordenador), Luciana Paiva de Vilhena Leite (colaboradora) e Elizabeth Sara Lewis (colaboradora), pretende pesquisar a presença da escrita e da leitura literárias nas obras que tematizam as experiências do cárcere, da privação e da marginalização e na produção textual que emerge do contexto das oficinas literárias, artísticas e das ações de remição de pena pela leitura no Estado do Rio de Janeiro. Sem expor um prévio recorte do *corpus*, ainda que exista o recorte temático, a pesquisa realizará o mapeamento de obras da literatura brasileira que apresentem os temas mencionados, o que será importante para construir um repertório que possa ser utilizado como aproximação e/ou contraponto tanto a obras que constituem o fenômeno da literatura do cárcere, que se dá a partir dos anos 2000, com a publicação de *Estação Carandiru* (2001), *Sobrevivente André du Rap* (2002), *Diário de um detento: o livro* (2001), por exemplo, quanto a outras obras literárias e textualidades que se afinem ao recorte temático. A presença da escrita e da leitura literária, parece-nos, indica uma possível experiência de espaço fora do aprisionamento, no exercício que o sujeito que escreve realiza para estar na transitividade da língua e da linguagem verbal. Os sujeitos da escrita e da leitura constroem e compartilham, lendo ou escrevendo literatura, para além da necessidade do registro do que vivem, um espaço de imaginação, por vezes de metaforização da vida em liberdade, que atende, nestes escritos, pelo nome de literatura. Nesse sentido, a presença da escrita e da literatura, como é nossa hipótese, se apresenta como um “fora das grades”, que aproxima a literatura da “sensação de liberdade” (RAMOS, 1994). É neste espaço entre o utópico e heterotópico, que o sujeito que escreve desenha o próprio espaço da leitura e do leitor que se encontra no outro limite do escrito, talvez do lado de fora das grades, talvez em outra grade, buscando este outro espaço. A pesquisa une a pesquisa bibliográfica, para realizar o mapeamento, e a pesquisa-ação, na tarefa de, ao participarmos do projeto de extensão Remição de pena pela leitura, incentivar a produção de textos e colher materiais que sirvam ao proposto por este projeto. Os estudos de literatura e os de língua e

linguagem estarão integrados, pois é fundamental para a parte analítica, diante do *corpus*, a discussão tanto das referências e remissões a obras da literatura, dos elementos que provoquem reflexão para campo da teoria literária, da crítica literária e da teoria da leitura; quanto das estratégias discursivas, da avaliação crítica dos variados registros e *ethos* da escrita e dos processos de leitura.

Introdução

Com 22 anos de distância, é possível afirmar que 2000 é um ano marcante para o campo da literatura brasileira se considerarmos a transformação dos meios de produção e circulação da literatura – a consolidação de editoras alternativas ao mercado de livros e, mesmo dentro das grandes editoras, a urgência de selos e coleções que se abrissem a novas formas e representações mais plurais da literatura, são índices condizentes com aquela mudança. Além disso, nos finais dos anos 1990 e começo da década seguinte, a questão da autoria, aliada à insurgente demanda por representatividade, faz da literatura um campo aberto para as mais diversas vozes que reivindicam o espaço literário. Neste movimento, a literatura do cárcere é um dos ramos mais importantes, inovadores e questionadores nos caminhos da literatura contemporânea.

O veio realista que marca profundamente a literatura brasileira parecia ter se complexificado com o marco representado por *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, e também com *Capão pecado* (2000), de Férrez, livros que podem, apesar das perspectivas e propostas diversas, alinhar-se a vozes marginais que reafirmam na literatura as vozes que sempre estiveram presentes, mas que precisaram (e precisam) ser evidenciadas, lembradas como fundantes da literatura brasileira – a literatura de autoria negra e indígena. Segundo o estudo de Érica Peçanha do Nascimento (2009), a reunião de uma série de produções diversas sob o designativo “marginal” tende a amalgamar, segundo hipótese da estudiosa, experiências literárias em que haveria “elaborações e experiências comuns sobre marginalidade e periferia, bem como um vínculo entre as produções literárias e determinada realidade social, que dava suporte às intervenções simbólicas e pragmáticas desses escritores.” (p. 23) Desse modo, a literatura marginal se constitui *com* a possibilidade de ação, seja de motivar outras vozes, seja de promover espaços e oportunidades culturais e artísticas dentro dos territórios a que tal literatura refere.

É neste momento que se coloca com pertinência a literatura dos sujeitos do cárcere, que, tensionando subjetividade e coletividade, apresenta, por meio de estratégias diversas de narração, a experiência carcerária escrita por aqueles que dela participam como viventes e sobreviventes, que são, na maior parte dos autores, pessoas negras. Nesse sentido, obras como *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes e *Sobrevivente André du rap* (2002), de André du rap e do jornalista Bruno Zeni, ainda que não compartilhem das mesmas estratégias narrativas – o primeiro se colocando com escrita em primeira pessoa e o segundo utilizando a dinâmica do testemunho ao ouvinte-escrevente, por exemplo - se inscrevem na literatura brasileira a partir da inclusão, nela, do sujeito carcerário, como bem pontua o crítico João Camillo Penna, ao discutir o aparecimento dos relatos e testemunhos da violência, da criminalidade urbana e do encarceramento, sobretudo com o aparecimento de livros como os já citados e também o de Hosmany Ramos (*Pavilhão 9: paixão e morte no Carandiru*, 2001) e de Zuenir Ventura (*Cidade partida*, 1995):

O que ambos [Hosmany e Zuenir] instituem, no entanto, é um dispositivo de autorrepresentação da criminalidade e dos presos, que passam a escrever eles próprios as suas histórias de vida – autorizados por uma mediação “próxima” -, que mantém a integridade do seu discurso, configurando-o no formato de um veículo visível e audível (PENNA, 2013, p. 151)

É importante discutir que o fenômeno da autenticidade dos relatos, ainda sem contarmos aqui com a análise que se possa fazer das estratégias discursivas do testemunho literário, correspondeu a um fenômeno editorial ancorado naquilo que o crítico Karl Erik Schollhammer (2011) sinalizou como “sede de realidade”. Contudo, o fenômeno mercadológico, como via de mão dupla, representa também o caminho pelo qual outras vozes puderam surgir no cenário da literatura contemporânea, aliando sua visibilidade ao que Karl Erik expressou como “esforço genuíno de encontrar uma nova adequação entre a realidade social brasileira e novas linguagens expressivas.” (SCHOLLHAMMER, p. 100).

Se seguirmos esta trilha de pensamento, de que a literatura marginal, ou especificamente a literatura do cárcere, na expressão que ela tem no começo do milênio, pode ao mesmo tempo em que é produto que corresponde a uma demanda do realismo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

constituir-se como uma tentativa de renovação da linguagem, é possível especular como a inovação da linguagem pode ser percebida na presença ou invocação da literatura, da leitura e da escrita nestas obras, na relação que essas obras têm com a literatura do cárcere de outros tempos, e na própria relação dos sujeitos encarcerados com a língua e os processos de leitura e escrita literárias.

Nesse sentido, parece fundamental pensar sobre os sujeitos envolvidos na experiência do encarceramento, sobretudo no Brasil, ocorrido no bojo de uma sociedade desigual nos planos educacional, racial e socioeconômico. Assim, a literatura no/do cárcere não pode estar apartada das irregularidades e descontinuidades de letramento(s) que os sujeitos no/do cárcere enfrentam no decorrer de suas experiências formativas, daí a importância de serem mobilizadas questões ligadas à formação do leitor, incluindo o “letramento racial crítico” (FERREIRA, 2015) e questões ligadas aos enfrentamentos de aspectos fundantes da sociedade brasileira, como as que se relacionam ao letramento irregular da mulher.

Objetivo

Pesquisar obras literárias que tematizem os temas da privação, marginalização, encarceramento, pretendendo analisar nestas a figuração da literatura, mesmo em caracterização de procedimentos metaliterários, incluindo-se aí a sinonímia entre literatura e liberdade como realização tanto discursiva quanto literária de um “fora” na experiência do enclausuramento, ideia que se articula com as figurações do leitor como o sujeito escrito e previsto, pela literatura do cárcere, localizado fora das grades, destinatário possível de tal literatura. Como objetivos específicos, tem-se: a reavaliação da teoria literária e da crítica especializada bem como dos estudos sobre língua que privilegiam a performance de sujeitos subalternizados sobre os temas afins (encarceramento, aprisionamento, privação); o mapeamento da literatura do cárcere na literatura brasileira e possíveis intersecções e diálogos entre obras; a distinção de critérios do *corpus* a partir das especificidades da autoria, dos usos da linguagem, da época, do gênero e da situação diante do campo literário brasileiro, para definir os recortes da pesquisa; a pesquisa de novos autores da literatura do cárcere a partir de trabalho de busca bibliográfica e de pesquisa de campo em visitas às unidades prisionais do estado do Rio de Janeiro.

Relevância Científica

Acreditamos justificar a relevância científica da pesquisa proposta em, principalmente, quatro linhas:

- a) a primeira corresponde a uma rearticulação dos estudos literários a partir do que se convencionou chamar de “virada ética” (*ethical turn*) ou paradigma “ético-literário”, ou ainda a demanda por vozes literárias fora do cânone, representativas de experiências e imaginários marginais às experiências modernas, na ampliação contemporânea da literatura. É possível perceber que, na contemporaneidade, a reivindicação de temáticas, visões de mundo e imaginários oriundos ou produzidos por outras subjetividades, aquelas reconhecidas como marginalizadas e/ou silenciadas, por vezes é adequadamente alinhada à “virada ética”. E também é possível que essa reivindicação interfira na teorização e na definição do literário:

Paradoxalmente, no presente momento, a crítica literária, a teoria literária e, como consequência, a própria literatura se veem ofuscadas exatamente em decorrência da profusão de novos pressupostos éticos a serem tão somente rastreados nos artefatos literários. Esses, por sua vez, são reduzidos a uma espécie de depósito de teses em torno de um mundo por vir mais sensível às diferenças. (CECHINEL, 2016, p. 293)

O diagnóstico do professor e estudioso André Cechinel é construído com o propósito de defender a “negatividade” da literatura, no que ela tem de “singular”, inclusive com experiência intransitiva da linguagem e da língua, como o próprio define a partir do crítico e professor Fábio Durão:

A literatura, entretanto, não emite, não conecta, não irradia, não estimula e não excita, pelos menos não nos termos aqui em pauta. A literatura é uma atividade negativa, que demanda um tempo incompatível com aquele da sociedade excitada, da sociedade do cansaço. Para que a literatura possa de fato existir em sua singularidade, e não como simulacro, faz-se necessário aquilo que Fábio Durão (2011) chama de “estratégia de desaceleração” dos objetos: “Tornar o pensamento e a interpretação mais lentos é condição para que os objetos possam surgir como eles mesmos.... Fazer parar um romance significa lê-lo várias vezes” (p. 119) (CECHINEL, 2016, p. 289)

É necessário dizer que o diagnóstico anterior e a posição da citação acima são motivados pela proposta do artigo: uma defesa da literatura “negativa” como experiência ética – não no sentido da presença de uma alteridade representada – mas como posicionamento do leitor diante do singular da literatura negativa. Embora tenha proposta definida, consideramos que este é um bom exemplo da discussão sobre a “virada ética” (e suas variadas concepções) como reação à incompreensão ou à supressão do papel ético na literatura dita “negativa”, ainda mais por o autor mobilizar críticos como Dominique Rabaté, Leila Perrone-Moisés, Todorov entre outros para construir sua argumentação.

Reações contra a “virada ética” (conforme entendida pelo que foi exposto acima) são relevantes por trazerem especialmente a discussão da ética para os estudos literários, seja como oposição a uma outra ideia de ética (entendida como primazia da alteridade em detrimento da experiência do que é entendido como o singular próprio da literatura), seja como afirmação de uma ética presente no cerne da leitura literária. Contudo, é possível se questionar se a compreensão de ética como algo inerente à literatura, especialmente à literatura “negativa”, aquela que conhecemos e reconhecemos como exploração dos limites da língua e da linguagem, provocadora de pensamento crítico, não deveria necessariamente abarcar outras possibilidades de manejo da escrita e da leitura. Como criar parâmetros de uma ética que não seja a das “positividades humanas” ou “contra a excitação contemporânea” sem considerar outras formas de imaginário, sem se abrir a vozes que não figuraram no sistema literário inclusive por condições socioeconômicas, sem considerar os pactos de linguagem que definem o racismo linguístico (NASCIMENTO, 2019) ou produziram sistematicamente explorações da linguagem oriundas de outras performances, como aquela descrita por Lélia Gonzalez (2018), na sua conceituação do “pretuguês”, por exemplo? A virada ética nos estudos da linguagem, então, passa a considerar uma multiplicidade de letramentos, como o “racial crítico” citado anteriormente – se quisermos trazer o leitor para a experiência do fazer literário -, além de acolher uma reflexão acerca de usos heterogêneos e variáveis de procedimentos de linguagem, que esgarcem as

fronteiras normativas e inaugurem possibilidades estéticas a partir de diferentes autorias e vozes.

A literatura do cárcere, como entendemos, é possivelmente um campo de pesquisa da experimentação dos limites da representação e da linguagem, da manipulação de formas e repertório da literatura, a despeito de também movê-la uma questão ética central que esbarra nas difíceis questões, para o estudo da literatura, da legitimidade da autoria, da fidedignidade do testemunho e do apelo à humanidade e à resposta social. O que se apresenta aqui é uma busca por alinhar a virada ética a uma visão estética, no sentido de analisar as demandas do leitor e a pavimentação do espaço da leitura que a literatura do cárcere, como é nossa hipótese, constrói.

- b) A segunda linha, correlata à anterior, pretende mobilizar a discussão sobre a liberdade que, a nosso ver, estrutura a literatura do cárcere, para além de esta se oferecer como testemunho ou relato de experiência; como hipótese, pretendemos analisar como, ao lado dos pretendidos relatos e testemunhos, figura a construção de um imaginário sobre a liberdade, sobre suas condições disponíveis pela justiça e pela garantia de direitos inteiramente indissociáveis de uma performance linguística e de uma produção de vozes específicas dos sujeitos da escrita que se dirigem ao leitor¹ e à literatura como campo de possibilidade da escrita como liberdade. Esta linha de pensamento alia-se à discussão aberta pelo crítico Antonio Candido (1995), no ensaio “O direito à literatura”, que, dentro dos limites da visão do crítico, confirma a similitude entre a prática da escrita e leitura literária e a (auto)consciência de uma cidadania. Seguindo e ao mesmo tempo ampliando a discussão, buscaremos, a partir da pesquisa, reavaliar criticamente a posição de Candido, seminal para o caminho de defesa do direito à literatura para todos, entendendo seu alargamento como fundamental para discutir também os direitos ao letramento literário, o direito a manifestar outras experiências poéticas, outras performances linguísticas que

¹ É bem verdade que este leitor da demanda do texto, seja inscrito ou imaginado como pessoa, pode bem ser um outro sujeito encarcerado que compartilha da mesma experiência, a qual será ponte para a leitura. De qualquer forma, ainda assim o texto literário é uma travessia tanto rumo ao outro quanto ao que também pode uni-los: a vontade de liberdade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

não estão previstas na garantia de um direito que deseja civilizar, mas naquele que deseja incluir. A partir disso, é possível justificar a relevância da pesquisa também no campo da relação entre direito, justiça e literatura, campo que pode e deve fazer dialogar as disciplinas das Letras e do Direito, a fim de construir discussões interdisciplinares que deem visibilidade a uma literatura que é crucial para o entendimento do que seria a justiça e a liberdade;

- c) como terceira linha de justificativa, pontuamos que a produção de um prévio mapeamento da literatura do cárcere na literatura brasileira, e posterior definição do *corpus* a partir da identificação de estratégias que podem demarcar tipologias ou campos daquela, considerando autorias, estratégias narrativas e linguísticas, pactos (auto)biográficos, permitirá construir um horizonte mais preciso da leitura e da configuração do leitor e do papel da literatura e da leitura, incluindo reflexões sobre estratégias de mediação, perspectiva que parece pouco explorada nos estudos sobre a literatura do cárcere, majoritariamente abordada pelo material documental ou testemunhal que ela contém. Cabe assinalar a intenção de fazer convergir neste projeto a pesquisa teórica e prática na ideia de um projeto no campo da práxis, uma vez que a práxis une o conhecimento à possibilidade de construção de espaços de elaboração do próprio *corpus* da pesquisa, realizando intervenções em espaços para além do espaço acadêmico. O mapeamento da literatura do cárcere contará com a literatura que está sendo escrita hoje em ações de produção do texto literário nas suas mais diversas formas, incluindo-se aí a atuação dos proponentes deste projeto no projeto de extensão Remição de pena pela leitura, projeto cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO.
- d) como quarta linha de justificativa para a relevância da pesquisa, acreditamos que o projeto e seu desenvolvimento tem potencial para a formação do pesquisador, no nível de graduação, da área de Letras, e ainda áreas afins como Pedagogia e Biblioteconomia, por unir saberes, atuar trans e indisciplinarmente, e, sobretudo, aliar a pesquisa a experiências com a extensão universitária. Os estudos sobre o encarceramento no Brasil, a partir da construção da remição pelo estudo e, posteriormente, da remição pela leitura, constituem um campo de pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

fundamental para o horizonte dos estudiosos da cultura, da literatura, das práticas de leitura e escrita e dos processos de mediação de leitura. A formação de pesquisadores na temática deste projeto é uma das bases do projeto, uma vez que a pesquisa na área de Letras, que se configura como integradora de conhecimentos bibliográficos, críticos e teóricos, e da prática por meio de experiências com públicos, instituições e ambientes distintos da universidade, parece-nos fundamental para um perfil de pesquisador alinhado com campos de atuação em que a convergência entre os saberes é fundante. A literatura do cárcere, desde sua ocorrência no sistema literário até o seu atual contexto, demanda pesquisadores que realizem o diálogo com o saber acadêmico, as disciplinas que fazem dialogar arte, teoria crítica e contextos específicos de surgimento da literatura, e a experiência com a leitura e a escrita como processos inerentes ao campo da literatura.

Metodologia

A pesquisa proposta se pauta, em primeiro lugar, pela **pesquisa bibliográfica**, realizando levantamento da literatura do cárcere no escopo da produção literária brasileira em sua larga extensão. Apesar de o critério cronológico não estar determinado, acreditamos que o recorte temático é suficiente para que possamos, não dispensando experiências literárias afins de tempos e contextos diversos, organizarmos um mapeamento da literatura do cárcere; e, tendo mais claro este arquivo, entender as características da pluralidade de experiências literárias sobre o encarceramento e as vivências literárias da exclusão, marginalização e clausura. Além disso, será necessário, para a análise de textos literários, quando houver, o estudo da recepção crítica para as obras encontradas, e da teorização sobre a subjetivação e a estilização das experiências do cárcere nas textualidades e gêneros literários entre outras discussões.

Para o trabalho com a literatura criada no ambiente carcerário, contaremos com os processos da **pesquisa-ação**, uma vez que esta linha metodológica permitirá - no processo de mediação realizada nas oficinas do Projeto de Extensão Remição de pena pela leitura, e em outros projetos de mediação de leitura e produção textual -, o contato com autores e seus textos no momento da criação literária. Com a pesquisa-ação, o material resultante dela ou relacionado a esta será analisado em diálogo comparativo com o mapeamento realizado na pesquisa bibliográfica.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPGPI
Diretoria de Pesquisa - DPq

Cronograma

Período Atividade	2022	2023				2024			
	Ago.- Dez.	Jan.-Mar.	Abr.-Jun.	Jul.-Set.	Out.-Dez.	Jan.-Mar.	Abr.- Jun.	Jul.-Set.	Out. – Dez.
Pesquisa bibliográfica (pesquisa de autores e obras da literatura brasileira e outras literaturas)	X	X	X	X	X	X	X		
Pesquisa-ação (oficinas, projeto de remição pela leitura)	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Análise de material pesquisado		X	X			X	X	X	
Orientação de estudantes			X	X	X	X	X	X	X
Divulgação científica				X	X			X	X

Referências

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CECHINEL, André. Reconfigurações ético-reparadoras do literário hoje. **Remate de Males**, Campinas, v. 41, n. 1, p. 76-97, 2021.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas**. Ponta Grossa: Editora Studio Texto, 2015.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: _____. **Primavera para as rosas negras**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 190-214.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- PENNA, João Camillo. **Escritos da sobrevivência**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. São Paulo: Record, 1994. 2v.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.